

COTIDIANO, PINTURA E APAGAMENTOS: NOTAS SOBRE PINTURA CONTEMPORÂNEA

MATHEUS GUILHERME DE OLIVEIRA¹;
EDUARDA 'DUDA' GONÇALVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – e-mail do autor: matheusguilherme._@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – e-mail do orientador: dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo versará sobre o projeto de pesquisa que está em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na linha de pesquisa processos de criação e poéticas do cotidiano. A pesquisa, surge a partir da indagação de como a pintura contemporânea, concentrada no gênero retrato, pode trazer a tona os esquecimentos e apagamentos que as classes desfavorecidas da sociedade sofrem. Será, a partir da reflexão sobre o cotidiano, o deslocar-se por ele e a comunicação com moradores de rua, catadores de reciclável, vendedores ambulantes, ademais, que construirei o corpo de reflexão deste, podendo assim, obter relatos de suas histórias de vida e de como sentem-se diante da sociedade contemporânea. Podendo então, tecer diálogos com os escritos acerca da Invenção do Cotidiano de Michel de Certeau, o caminhar como prática estética de Francesco Careri, e a possível estética relacional como menciona Nicolas Bourriaud, a partir dos meus trabalhos e sobre o ser/estar dessas classes. Procuo também, a partir dessa pesquisa mostrar alguns artistas que já optaram por trabalhar com esse mote, tais como Hélio Oiticica e Éder Oliveira, podendo assim, dar mais força e sustentação tanto para a pesquisa em arte quanto para o trabalho poético. Assim, ressalto que trabalho aqui através da arte, dando enfoque para os aspectos poéticos, estéticos e políticos, tendo como objetivo entender os meios de criação em pintura e podendo então, elevar a potência de meu trabalho, inserindo-o nos circuitos artísticos e buscando através dele, dar voz à aqueles que não mais a tem.

2. METODOLOGIA

Desde o começo de minha pesquisa pictórica, aspectos do cotidiano estiveram presente na produção, pelo convívio diário com pessoas que foram retratadas em minhas pinturas ou, como coloca Michel de Certeau, pelo incomodo do cotidiano que nos prende intimamente, isto é, a história que por vezes nos é velada (CERTEAU, 1996, p. 31). Neste primeiro momento da pesquisa estou fazendo um levante de escritos e imagens que possam me auxiliar na produção e reflexão sobre arte, cotidiano, apagamentos e relação entre pintura e ser/estar. O processo da pesquisa em andamento também é constituído por: deslocar-se por espaços públicos afim de observar e coletar subsídios, tais como: fotografias, desenhos, conversas com as classes desfavorecidas da sociedade, afim de obter relatos e histórias de suas vidas, construindo assim um acervo, buscando no dia-a-dia subsídios para a construção pictórica, que, como anuncia Ferverza (2002, pg. 67) o artista deve pensar “qual caminho escolher para abordar esse assunto? Qual *via* seguir para chegar à exposição dos fatos que o dia a dia coloca?”

O deslocar-se¹ pelos espaços públicos é uma parte importante da metodologia, pois é por meio deste que exploro os locais ao meu redor, a cidade e as pessoas que aqui serão estudadas. Se propondo a conhecer novos autores para uma abordagem concisa encontrei os escritos de Francesco Careri em que menciona que “O caminhar é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território (CARERI, 2013, pg. 27) sendo assim, o caminhar possibilitou que o ser humano habite e passe a modificar o mundo. O arquiteto e professor também menciona que “o dadá deixou de levar um objeto banal ao espaço da arte e passou a levar a arte - na pessoa e nos corpos dos artistas dadá que compunham - a um lugar banal da cidade (CARERI, 2013, pg. 75) fazendo com que o cotidiano integrasse agora, a arte.

Para se pensar no espaço cotidiano e as pessoas que habitam esse espaço, teço reflexão acerca do que Allan Kaprow escreve em “A educação do Não-Artista”, quando ele menciona que “não arte é qualquer coisa que, embora ainda não aceita como arte, tenha atraído a atenção de um artista com essa possibilidade em mente” (KAPROW, 1971, pg.216), isto é, estar de olhos bem abertos sobre as possibilidades que o cotidiano nos oferece é estar atento às invisibilidades presente nele, transformando o que não é tido como arte, em arte, faço isso através da pintura.

Um artista que aproxima a arte do cotidiano é o pintor Éder Oliveira (1983 -), que nos retratos da série “Paginas Vermelhas” parte da observação de uma série de notícias do “homem amazônico”, que como escreve Douglas Freitas, para o texto da exposição “carrega em si traços de negros, mestiços, caboclos e índios” destacando em suas pinturas, questões sociais que o registro de imagens de supostos criminosos em páginas de jornais impressos tem na sociedade. Onde, essas imagens em grandes formatos, coloridas em jornais, o exibem como troféus.

É possível também, estabelecer relação entre a minha pesquisa pictórica e o trabalho do artista Hélio Oiticica, artista que esteve inserido nos morros cariocas, afim de compreender a vida dos morros. Onde, a partir do caminhar e do estar com os moradores de lá, Oiticica pode desenvolver seus “Parangolés”, uma série de trabalhos que podem ser vestidos e como menciona o próprio artista “os parangolés são a formulação do que é uma antiarte ambiental, isto é, capas de tecido colorido, feito para vestir, dançar, fundir cor, se sentir poético” (OITICICA, 1996, p.1-2).

Percebo assim como esses artistas, uma forma de trabalhar a partir do cotidiano, possibilitando através da arte, dar visibilidade para aqueles que são esquecidos. Sendo o deslocamento e a pintura meios norteadores para a minha pesquisa. Assim como Oiticica, procuro incorporar a revolta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se debruçar sobre o cotidiano, o apagamento, esquecimento e desvalorização que as classes desfavorecidas da sociedade sofrem, instigou a minha pesquisa pictórica. Através da série de pintura denominada “Até onde os olhos podem tocar” busco fazer uma reflexão sobre o tema, buscando através

¹ Não utilizo aqui o verbo caminhar, pois, parte do meu deslocar-se faço em cima da minha companheira de percurso, uma bicicleta. Essa que junto a minha força motora e psicológica, me leva a lugares que antes não pensava chegar.

dela, fomentar discussões acerca desses apagamentos e esquecimentos, trazendo a tona, tais motivos.

Para tal, percorro a cidade com minha bicicleta, de olhos bem atentos afim de conhecer, conviver e aprender com as pessoas que aqui estudo. Para isso, Nicolas Bourriaud escreve que a essência da prática artística residiria na invenção de relação entre sujeitos (BOURRIAUD, 1998, pg 31), isto é, habitar um mundo comum, transformando sujeito em obra e obra em sujeito, podendo de forma poética, evidenciar esse esquecimento. Também, Bourriaud menciona que a aura da arte não se encontra mais no mundo da obra, mas agora, está diante dela.

Em uma tarde de sol, ao estar percorrendo o caminho para casa, lembrei que precisava passar no banco. Foi ali que conheci João (Fig.1). Um homem simples, que me oferecera balas de menta e outros doces para comprar. Começamos um diálogo onde ele me contou que logo estava saindo daquele ponto pois a Guarda Municipal já o havia avisado que não poderia fazer suas vendas ali. Perguntei a ele se é comum isso, falou que sim. Contou que a venda é sua única renda. Foi quando perguntei se poderia tirar uma foto para retrata-lo em uma pintura.



Figura 1. Matheus Guilherme de Oliveira. Até onde os olhos podem tocar (João). Óleo s/tela. 2020. Fonte: o autor

Os olhos cansados de João, aqueles olhos que brilharam após a foto ser tirada e eu comprar algumas de suas balas, a sua humildade em querer me dar o troco, estiveram presente em toda pincelada que busquei nessa tela. Utilizei como base a fotografia que tirei dele, mas em certo momento, quis estar diante do acontecimento, fazendo com que o momento de troca e diálogo fosse passado para a tela, deixando a fotografia de lado e construindo através da memória.

Nessas pinturas, procuro, como menciona Elida Tessler (2002, pg. 106) “tocar a ferida aberta”, isto é, onde há sensibilidade ou nervo exposto, procurando na pintura, uma maneira de dar voz para aqueles que a sociedade oprime e esquece. E, como Merleau-Ponty escreve, tento como pintor, tocar as duas extremidades, o imemorial, que antes estava apagado, agora se acende e o anseio por desvelar, por revelar o que antes não era visto.

4. CONCLUSÕES

O projeto que se encontra em fase inicial visa uma reflexão através da pintura, podendo através dela trazer maior visibilidade para as classes desfavorecidas da sociedade e também, ser disparadora de processos artísticos, dando subsídios e fonte para próximos pesquisadores. Também, a partir desta, será possível pensar em uma maneira de pintura relacional, sendo essa, uma pintura que contribua não somente ao contexto artístico mas a comunidade em que o pintor está inserido, transformando lugares e pessoas, podendo a partir desta, fazer com que a arte seja comum a todos e todas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética/** Francesco Careri; prefácio de Paola Berenstein Jacques; [tradução Frederico Bonaldo]. – I. ed. – São Paulo: Editora G. Gill, 2013.

BRITES, Blanca e TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas.** organizado por Blanca Brites e Elida Tessler. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional.** 1998

CERTEAU, M; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar.** Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

DIDI-HUBERMAN, G. **Quando as imagens tocam o real.** PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 30 nov. 2012.

FERVENZA, Hélio. **Olho mágico.** In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). O meio como ponto zero: metodologia em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Coleção Visualidade;

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito.** Cosac Naify, 2004

Artigo

KAPROW, Allan; **A educação do não-artista.** Malasartes, nº3 – abril, maio, junho. Rio de Janeiro, 1976

Documentos eletrônicos

OLIVEIRA, E. Páginas Vermelhas. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/eder-oliveira/>

OITICICA, Hélio. Parangolé Poético e Parangolé Social. 1966 Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>: Último acesso realizado em 28 de julho de 2020